

Sumário

Agradecimentos	7
A prudência do cuidado	13
Iniciando um mergulho: o sensorial do corpo	19
Por uma micropolítica do aspecto sensorial do corpo	31
Corpo e biopoder	31
Da vida nua a uma vida	47
Contato intensivo: misturas e devires do corpo	55
Desconhecido corpo: abertura à sensorialidade	55
O contato em eutonia	64
Pele: tecido-limiar	87
Relações corpo-consciência-inconsciente	107
Fantasmática do corpo de Lygia Clark: objetos relacionais, objetos de contato	107
Consciência do corpo: zona de interface	122
Conclusão	133
Finalizando um percurso infinito	133
Da “zona de conforto” para o tecer da pele como interface com o mundo	135
A possibilidade de tecer uma película protetora-criadora	138
Finalizando...	140
Referências	145

A prudência do cuidado

Eduardo Passos

Sensorial do corpo: via régia ao inconsciente é um texto que expressa o agenciamento entre o Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF, a Escola e Faculdade Angel Vianna e o Instituto Gerda Alexander de Eutonia. Algo se passa por entre essas instituições de formação que entrelaça corpo, arte e clínica. O fio de ligação é menos um tema ou referencial teórico do que uma atitude de cuidado. Este livro se tece com o fio dessa ligação.

Ruth Torralba mostra a habilidade de quem escreve como se navegasse. Na conclusão do livro, a figura do barco é evocada como imagem tanto do pensamento quanto da performance em dança. Embarcar não é uma metáfora, mas uma gíria, um modo menor de dizer, um modo de acionar a experiência da escrita, da performance, mas também a da clínica. O objeto barco atravessa os três domínios. A performance e o texto nos conduzem a um modo diferenciado de estar no barco: estar nele sem a certeza do controle da navegação – modo feminino de estar que ressoa certa condição da experiência clínica.

Estar no barco é, para Ruth, a condição sensorial do corpo que, no seu limite, na pele que o envolve, vive o paradoxo de estar dentro e fora de si. No limite de nós mesmos, estamos dentro ou fora de si? No ponto extremo dos sentidos, o corpo encontra o mundo, se envolve nele e se faz mundo – afirmação sensível do paradoxo da experiência de ser um corpo: um corpo paradoxal, para retomarmos a indicação de José Gil que orienta a argumentação deste livro.

Qual o estatuto dessa experiência? De quem é a experiência do corpo? Essa experiência não é propriamente do corpo, nem é do espírito. Tampouco é uma experiência de primeira pessoa. Sou eu que experimento meu corpo? Eu quem? O corpo se experimenta ou é o espírito que experimenta o corpo? Essas perguntas nos convocam a reformular o problema da experiência do corpo, saindo dos domínios da identidade, da propriedade, do privado.

Entendemos que essa experiência do corpo está aquém e além do indivíduo, na dimensão impessoal que não é menos paradoxal – subjetividade fora do sujeito ou entre-lugar da experiência do corpo que, na pele, entre o dentro e o fora, nesta zona-limite, nos força a pensar.

Entre o dentro e o fora, assim como entre a clínica e a dança, a clínica e a política, entre a clínica e a filosofia, Ruth teve de escrever com a pele. Neste estranho lugar da fronteira – que distingue, mas não separa os domínios –, algo se passa que leva a clínica à aventura transdisciplinar. Daí estas duas afirmações que podem nos orientar como um farol em alto-mar: o pensamento da clínica é transdisciplinar e a análise clínica envolve, inelutavelmente, um corpo. Não adianta lutar contra o corpo. Não adianta forçar-nos ao especialismo disciplinar.

Sendo assim, precisamos dizer de que corpo se trata. Que corpo é este que sempre se apresenta, que insiste em expressar-se e para o qual a clínica deve se inclinar?

Transversalizando os planos da clínica, da política, da arte e da filosofia, Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo* definiram a prática clínica correlata à filosofia da Diferença como uma psiquiatria materialista. Há uma evidente referência ao pensamento de Marx e à sua análise dos modos de produção da realidade (“Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade”, noção de um inconsciente produtivo e social

que Marx apresenta em 1859, na *Contribuição à Crítica da Economia Política*).

Se a produção é, para Marx, eminentemente social, pois produção social da existência, e se ela é material porque econômica, Deleuze e Guattari tomam esta tese forçando seus limites para pensar o processo de produção sem qualquer transcendência por relação ao seu produto. Não há um domínio material das causas separado de um domínio espiritual dos efeitos (infra e superestrutura). A produção social é ela mesma a produção desejanste.

A análise da produção, em Marx, permanecia, ainda, numa lógica de oposição, distinguindo e separando o que seria do domínio dos produtos (a existência individual e os grupos, a superestrutura ideológica, espiritual) e o que seria do domínio da produção (forças produtivas e relações de produção, que comporiam a infraestrutura material). Deleuze e Guattari, recusando a dialética, afirmam a produção como processo e a inseparabilidade imanente entre produto e sua produção. A realidade é produção porque funciona como máquinas desejanste ou máquinas autopoieticas.

O processo de produção ou a produção como processo tem como princípio o desejo e como primado a produção de produção, mais do que produção de produto. Todo movimento desejanste é produção da realidade e toda a realidade comporta esta maquinação autopoietica de produção de si e do mundo. Tal máquina compõe corpos organizados (organismos), mas nesta composição (de um produto) o corpo sofre por estar assim organizado. Este corpo que sofre (corpo individual ou coletivo) é a dimensão não organizada, não estratificada, dimensão-massa ou não engendrada do corpo. A relação produção-produto cria, portanto, um terceiro termo que não permite que o processo se estabilize, se conclua, se acalme: volta-se sempre ao primado da produção. O corpo sem organização, amorfo, testemunha sua auto-produção.

O sentido de amorfo, aqui, não pode ser confundido com um indiferenciado, pois é próprio dele ser a superfície onde pululam as diferenças. Amorfo quer dizer sem forma, sem organização e não sem órgãos. O corpo sem organização possui órgãos já que é povoado por diferenças ou intensidades livres que resistem à tendência estratificadora da realidade. É povoado por sensações ainda sem significações, por afecções ainda sem um correlato nos sentimentos pessoais. Tal corpo é a abertura do produzir no produto ou o seu “vazio criador”, como preferiu dizer o pintor soviético Kazimir Maliévitch.

Com a força propulsiva do desejo, a experiência paradoxal do corpo – entre mim e o que não sou, entre o dentro e o fora de si, entre sua forma organizada e seu fundo amorfo – não cessa de nos desarranjar, nos levando a um dispêndio sem reserva de nós mesmos, já que a produção se enxerta no produto, fazendo com que os órgãos do corpo sejam seu combustível, se consumindo na própria experiência de si: o olho, a boca, o ouvido são peles do corpo tomadas como superfície de saturação e combustão da máquina do mundo descrita por Drummond (*Claro Enigma*, 1951).

Deleuze e Guattari designam este fundo sem fundo do corpo, este inorganizável dos órgãos, de CsO (corpo sem órgãos), tomando de A. Artaud a indicação ético-estético-política. O tema do CsO atravessa os dois volumes do *Capitalismo e esquizofrenia*, tendo uma formulação na década de 1970 e outra na década de 1980. Na passagem do *Anti-Édipo* para o *Mil Platôs*, observamos um tratamento experimental do CsO: trata-se, como eles dizem, de “Criar para si um CsO”.

Daí duas atitudes contrastantes ante o corpo: interpretá-lo *versus* experimentá-lo. Na verdade, essa oposição só se mantém se tomamos a interpretação como desvelamento dos sentidos do corpo e não como sua produção. Na interpretação/experimentação do corpo, acompanhamos o que nele circula. Produzi-lo é já fazer algo circular nele, é tê-lo como plano de

passagem de fluxos sensíveis e desejanter. O corpo é, como o mar, feito do que nele circula, de tal maneira que o barco não preexiste ao movimento em que ele flui: o barco é uma nervura do mar, uma deriva da onda.

O corpo paradoxal se produz e se revela quando (e onde) se atinge sua dimensão sem organização, lugar de intensidades em circulação. É o domínio não estratificado dos fluxos sensíveis e do desejo.

Se o problema do *socius* sempre foi o de codificar os fluxos sensíveis e do desejo, inscrevê-los, registrá-los, fazer com que nenhum fluxo esorra, o corpo paradoxal é o último resíduo, o limite do *socius*, sua tangente de desterritorialização. Plenamente nua, essa experiência do corpo está no limite, no fim e não na origem.

É por isso que Deleuze e Guattari afirmaram que o CsO é algo a ser criado, sendo esta a tarefa do desejo e – Ruth nos faz entender – do sensível. Criar um CsO é produzir um plano de engendramentos de desejo, em que os corpos se fusionam (juntam-se e liquefazem-se). Por isso, Deleuze e Guattari afirmaram que o CsO só se dá em um “ponto de fusão” que moleculariza a realidade. Produz-se e habita-se este plano de intensidades pré-individuais (nem eu, nem outro; nem interno, nem externo; nem individual, nem social) em circulação e fusão.

Permanece, no entanto, um problema eminentemente clínico: se o corpo paradoxal não está na origem, pode-se supô-lo no fim tal como uma meta ou ponto de chegada? Alcançamos esta experiência corporal para nela habitar finalmente? Há um fim do processo (da análise, da produção de si e do mundo, da criação)? Colocar o corpo em análise ou pensar o sentido da experiência paradoxal é poder acompanhar um processo em suas voltas e desvios, em seus fracassos e êxitos locais. A construção do CsO não tem fim, porque ele é um limite a que não se chega, havendo “sempre um estrato engastado em

outro”. Passamos por um CsO quando vamos de um estrato a outro, quando desterritorializamos uma organização para encontrarmos outra.

O CsO, portanto, não é o contrário dos órgãos. Ele se põe contrário ao organismo, à organização dos órgãos em uma totalidade. Daí, a formulação inicial de o problema do CsO aparecer na exortação de Artaud *Para pôr fim ao juízo de Deus*. Deus, aqui, é o sistema teológico ou operação de organização Daquele (sempre maiúsculo, maior) que não suporta uma outra criação, sobretudo esta: acéfala, sem criador.

Combater este Deus organizador não se pode fazer sem prudência, “pois é necessário guardar o suficiente do organismo”. A desestratificação grosseira corre o risco de precipitar o corpo paradoxal em uma rota de catástrofe, em um buraco negro. Criar o CsO não é abolir os estratos, mas instalar-se neles experimentando, atento para as suas fibrilações, variações, suas linhas de fuga.

A delicadeza do texto de Ruth nos aponta para essa direção do tratamento. A clínica é uma espécie de aventura marítima que não se faz sem que nos lancemos na experiência do corpo. Embora paradoxal, esta experiência tem a concretude do sensível. Por isso, a importância da sensibilidade como destreza com as sensações, como habilidade da presença atenta do corpo, como manejo na sintonia afetiva. O sensível é a bússola sem norte do tratamento. O sensorial do corpo nos dá uma direção e um sentido para a clínica. Tratar, colocar em análise dada realidade, acompanhar os desvios de um processo, tudo isso não se faz sem a prudência do cuidado.